

MEMÓRIAS EM PROSA E POESIA: MULHERES NEGRAS EM TEMPOS DE PANDEMIA¹

Luzia Gomes Ferreira²

Resumo:

Este artigo propõe o exercício de refletir sobre o atual contexto pandêmico, provocado pelo *novo coronavírus*³, a partir de um diálogo profundo entre prosa, poesia, olhar e teoria.

¹ Escrevi esse texto mergulhada nos sons poéticos dos álbuns: *Bom Mesmo É Estar Debaixo D'Água*, da cantora e compositora baiana, *Luedji Luna*; *Do Meu Corpo Agora Nu*, do cantor e compositor pernambucano *Zé Manoel*; e *Romance & Yasmin*, da cantora israelense *Yasmin Levy*. Agradeço a *Luedji Luna*, *Zé Manoel* e *Yasmin Levy*, por nos ofertarem oferendas musicais com os encantos dos tempos e geografias do ontem, do hoje e do amanhã.

² Sou Poeta, Feminista Negra, Professora do Instituto de Ciências da Arte (ICA), lotada na Faculdade de Artes Visuais (FAV), onde leciono para o Curso de Bacharelado em Museologia, na Universidade Federal do Pará. Doutora em Museologia pelo Programa de Doutorado em Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT-Portugal/2018); Mestra em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA/UFPA/2012) e Bacharela em Museologia pelo Departamento de Museologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) da Universidade Federal da Bahia (UFBA/2008). Em Lisboa – PT, publiquei o livro de poemas *Etnografias Uterinas de Mim* (2017) e participei com poemas de minha autoria na antologia *Djidiu: A Herança do Ouvido - Doze formas mais uma de se falar da experiência negra em Portugal* (2018) em parceria com poetas de Angola, Guiné Bissau e Cabo Verde residentes em Portugal. Atualmente meus interesses acadêmicos para pesquisas, ensino e extensão, são: Teoria Museológica na intersecção com Gênero e Raça; Museus, Representações e Representatividades Negras; Literaturas Afrodiaspóricas e Africanas; Memórias Afrodiaspóricas e Africanas; Feminismo Negro. E-mail: luziagomes@ufpa.br

³ De acordo com (Lima 2020), o “Coronavírus é um vírus zoonótico, um RNA vírus da ordem Nidovirales, da família Coronaviridae⁽¹⁾. Esta é uma família de vírus que causam infecções respiratórias, os quais foram isolados pela primeira vez em 1937 e descritos como tal em 1965, em decorrência do seu perfil na microscopia parecendo

Apresento meu corpo de mulher negra em distanciamento e em movimento, observando em silêncio existências de outras mulheres negras trabalhadoras. Saindo e entrando na cena, procuro pistas, rastros e fragmentos de memórias humanizadoras das vidas negras, escondidos nos detalhes das nossas vivências plurais. Insiro e inscrevo minha pele em cada letra concreta costuradas com linhas de dor e amor desse texto em espelhos do presente, ainda refletidor de fantasmas do passado destituidores da humanidade de mulheres negras. Porém, é importante acreditar no esperar na/da luta por um bem-viver em coletivo na sociedade brasileira.

Palavras-Chave: Humanidade; Memórias; Mulheres Negras; Pandemia; Trabalho.

1. CONSTRUINDO O CAMINHO DOS OLHARES...

Sou Poeta Preta e Intelectual Negra! Envolve-me e transito entre as grafias das artes e das ciências! É a partir desse trânsito em deslocamento constante que escrevo esse artigo. Se as teorias acadêmicas podem ser compreendidas como uma forma de tradução do mundo no Ocidente, acredito que a poesia e a prosa são conhecimentos desatadores das fronteiras teóricas e metodológicas ainda engessadas nas Universidades. Nesse sentido, desde já, informo às leitoras e aos leitores que este texto entrelaça poesia, prosa e teoria. Construo conhecimentos dialogando harmonicamente com a poeta, a pesquisadora e a leitora habitantes do meu ser! Nessa tríade não acabada de mim.

No dia 30 de outubro de 2020, fui convidada para participar da mesa «A mulher brasileira na pandemia: um olhar sobre as desigualdades de gênero e raça», no âmbito do componente curricular AM102 - Utopias e Distopias em tempos de Pandemia II, sob supervisão das Professoras Doutoradas Adriana Nunes Ferreira e Milena Fernandes de Oliveira, no Instituto de Economia, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Quase recusei o convite, por não me sentir confortável para abordar esse tema, pois, no primeiro momento tive a sensação de que não tinha informações “científicas” e nem “dados estatísticos fidedignos” para apresentar as/aos estudantes. Passei um dia refletindo sobre o aceite ou a

uma coroa⁽²⁾. Os tipos de coronavírus conhecidos até o momento são: alfa coronavírus HCoV-229E e alfa coronavírus HCoV-NL63, beta coronavírus HCoV-OC43 e beta coronavírus HCoV-HKU1, SARS-CoV (causador da síndrome respiratória aguda grave ou SARS), MERS-CoV (causador da síndrome respiratória do Oriente Médio ou MERS) e SARS-CoV-2, um novo coronavírus descrito no final de 2019 após casos registrados na China. Este provoca a doença chamada de COVID-19.” (Lima 2020: 01).

recusa, e nesse intervalo de tempo, dei-me conta de que não precisaria ter essa crise, posto que, por eu não utilizar a estatística como metodologia de pesquisa nos meus trabalhos acadêmicos, isso não se tornaria um demérito e nem mérito acadêmicos visto que apenas lanço mão de outros dados e fontes. A ciência é uma construção transdisciplinar, existem muitas metodologias e aportes teóricos fazendo da ciência um objeto mutável e readaptável. Penso que todas nós e todos nós fomos atravessadas e atravessados de diferentes formas pelos impactos da pandemia do novo coronavírus e, eu construí minha apresentação a partir dessa perspectiva de vários atravessamentos.

Nos três primeiros meses de isolamento social em 2020, fiquei completamente perdida, de repente, todo o planejamento do ano para a minha vida pessoal e acadêmica, derreteram-se como pedra de gelo no asfalto em dia quente. Fui tomada pelo medo de me infectar e morrer, fui avassalada pelo desespero de perder pessoas amadas por mim, fui possuída pela dor de saber que no meu país, a maioria das vítimas seriam pessoas negras como eu. Mas como sempre faço, procuro encontrar algum sustentáculo no meio da ventania em dia de caos, e o meu porto de segurança foi a arte literária (prosa e poesia). Lancei uma âncora no mar revolto da literatura e atraquei no cais das palavras.

Olhei para minha estante de livros e fui atrás de entender como a arte literária retratou as pandemias nos séculos passados. Comecei por um «*Defeito de Cor*» de Ana Maria Gonçalves, segui com «*Cem Anos de Solidão*» e «*O Amor nos Tempos do Cólera*» de Gabriel García Márquez, retornei ao «*Água de Barrela*» de Eliana Alves Cruz e lembrei-me de «*A Peste*» de Albert Camus, porém naquele momento, não tinha esse exemplar na minha biblioteca. Além das leituras destes romances, também dediquei-me a escrever poemas. Precisava construir memórias poéticas e externar de alguma forma as sensações sentidas neste meu corpo negro no processo de isolamento social. Compartilho com vocês o primeiro poema escrito por mim, tentando entender o impacto da pandemia nas minhas emoções. Escrevi:

o TeMPo dOs TeMPoS

o tempo está em suspensão rodando uma cena fixa de congelamento da vida real ...
 o tempo movimenta-se num *set* temporal no agora sem prever se haverá amanhã...
 o tempo ancora-se num porto de desespero a espera de condições temporais para atracar-se
 num cais de aconchego...
 o tempo senhor dos tempos baila à procura de uma árvore sagrada de tempo para enraizar
 outros tempos...⁴

bell hooks (2019), ao falar da sua experiência com a poesia, apresenta o lugar da escrita poética na vida. Ela nos informa como grafar poemas nas páginas diárias do tempo, pode ser um caminho para encontrarmos autonomia, enunciação e emancipação. Leiamos hooks:

Para mim, a poesia era o lugar da voz secreta, de tudo o que não podia ser diretamente afirmado ou nomeado, de tudo que não se poderia deixar de expressar. Poesia era o discurso privilegiado – simples, às vezes, mas nunca ordinário. A mágica da poesia era a transformação, palavras mudando de formato, significado e forma. Poesia não era um mero registro da maneira como nós, pessoas negras do sul, falávamos umas com as outras, mesmo que nossa linguagem fosse poética. Era um discurso transcendente. Era feita para transformar a consciência, levar nossa mente e nosso coração para uma nova dimensão. (...) Nossos esforços para virarmos poetas deviam ser concretizados neste vir a ter consciência e expressão de uma voz. (hooks 2019:42-43).

O meu diálogo com a arte literária vem desde antes, vem desde dentro, vem desde agora. De início, informo que o entrecruzamento das minhas atividades acadêmicas com a literatura de autoras negras se intensificaram, principalmente, nos últimos três anos de trabalho no curso de Bacharelado em Museologia, da Universidade Federal do Pará (UFPA), desde então venho trabalhando com as poesias e prosas de mulheres negras das Américas, da África e da Europa, a partir do Projeto de Extensão «*Xirê da Leitura: Mulheres Negras Grafando Memórias em Letras de Poesia*» e de Pesquisa «*Memórias que vêm das palavras: olhares museológicos para as literaturas de mulheres negras*», sendo que, este último faz parte do Projeto Interinstitucional «*Tecendo Teias: Diálogos Entre Museologia e Literatura*

⁴ Poema “o TeMPo dOs TeMPoS”. Escrito em 26 de março de 2020. Autoria: **luZgomeS**. Disponível em: <http://etnografiasdemim.blogspot.com/2020/03/o-tempo-dos-tempos.html> Acessado em 22/11/2020.

de Mulheres Negras», uma parceria minha com a Prof.^a Dr.^a Joseania Miranda Freitas, do Bacharelado e do Programa de Pós-Graduação em Museologia (PPGMUSEU) da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Na minha atuação profissional e acadêmica no âmbito da Museologia dentro de uma Faculdade de Artes Visuais, atento-me para o poder colonizador ou emancipador das imagens. Busco perceber as escritas artísticas de mulheres negras como construtoras de narrativas imagéticas, como cura de feridas inflamadas pela colonialidade vigente, que adocece as nossas subjetividades e memórias coletivas. Toni Morrison, escritora estadunidense, lembra-nos do poder das imagens:

Tinha esquecido o poder das imagens arraigadas e da linguagem estilosa para seduzir, revelar, controlar. Tinha esquecido também sua capacidade de nos ajudar a dar continuidade ao projeto humano, que é permanecer humano e impedir a desumanização e a exclusão dos outros. (Morrison 2019:62).

Os trabalhos artísticos de pessoas negras, que partem desse lócus de enunciação, criam plataformas de afromemórias para além dos museus e constituem, assim, outras trajetórias das nossas existências de dores sufocadas nos contornos das geohistoricidades do mundo, mas também, de ternuras geradas na beleza ancestral do nosso viver. Neste viés, é possível considerar as artes de autorias negras nas suas variadas linguagens como um patrimônio do espírito de ligação e religação com as nossas ancestralidades. Repensar nossos movimentos ancestrais é o que nos fortalece para trilhar as letras da palavra liberdade a fim de materializá-la plenamente em nossas vidas. Como nos lembra o escritor, dramaturgo e professor queniano, Thiongo:

[...] nós que estamos no presente, somos todos, em potencial, mães e pais daqueles que virão depois. Reverenciar os ancestrais significa, realmente reverenciar a vida, sua continuidade e mudança. Somos os filhos daqueles que aqui estiveram antes de nós, mas não somos seus gêmeos idênticos, assim como não engendramos seres idênticos a nós mesmos [...] Desse modo, o passado torna-se nossa fonte de inspiração, uma arena de respiração; e o futuro, nossa aspiração coletiva. (Thiongo *apud* Martins 2003:75).

Reverenciando a minha ancestralidade, estabeleço diálogos entre artes literárias e ciências para juntar os caquinhos das memórias traumáticas, fragmentadas, estilhaçadas, ressoadas em nossos corpos negros, porque o passado insiste em se reatualizar no presente.

Penso que as artes nos contextos afrodiaspóricos sempre foi uma forma de nos fazer resistir e existir com encanto, ainda que muitas vezes, falemos dos nossos desencantos. Sobre isso, poetizei:

cOmpAnhIA dO VeNTo

o vento adentra
 as lacunas da tela de proteção
 com a sua intensa densidade
 preenche os espaços vazios
 no auge da sua discreta invisibilidade
 corporifica-se no meu corpo
 fazendo-me companhia
 nesse meu estado
 de solidude vazia...⁵

Nessa pandemia, até onde sei, não me infectei com o *novo coronavírus*, mas outros adoecimentos se instalaram em meu corpo. As dores do meu joelho com artrose voltaram a me fazer companhia de forma desagradável, entre outras comorbidades que me deixaram num estado de cansaço físico insuportável. Em 2020 houveram dias, que praticamente me rastejava do quarto para o escritório. Após resultados de exames médicos nada animadores, tive de fazer uma mudança radical na minha alimentação (com acompanhamento médico, nada de dieta da água ou da luz, até mesmo porque adoro comer). Voltei a caminhar com regularidade e retornei às aulas de pilates⁶. Desacelerei das telas e entendi a necessidade

⁵ Poema “**cOmpAnhIA dO VeNTo**”. Escrito em 28 de março de 2020. Autoria: **IuZgomeS**. Disponível em: <http://etnografiasdemim.blogspot.com/2020/03/companhia-do-vento.html> Acessado em 22/11/2020.

⁶Segundo o médico Renato João Reis CRM 82754: “O Pilates é um método composto por exercícios físicos e alongamentos que utilizam o peso do próprio corpo na sua execução. Além disso, o Pilates é também uma técnica de reeducação do movimento que visa trabalhar todo o corpo, trazendo equilíbrio muscular e mental. O Método trabalha vários grupos musculares ao mesmo tempo, através de movimentos suaves e contínuos, com ênfase na concentração, no fortalecimento e na estabilização dos músculos centrais do corpo (abdômen, coluna e pelve).” Disponível em: <http://rjortopedia.com.br/site/perfil/> Acessado em 31/01/2021

urgente de exercitar autocuidado comigo mesma. Não é fácil mudar hábitos alimentares, muito menos acordar às 05h40 da manhã para caminhar por medo de ter um acidente vascular cerebral (AVC) ou ficar diabética a curto prazo, mas difícil ainda é encarar o estúdio de pilates, pois, não há lugar seguro nesse contexto pandêmico, por mais higienizado que seja. Porém, nesse processo, compreendi que só posso existir cuidando desse corpo negro e preciso amar cada pedacinho dele. E acima de tudo, aprendi a celebrar em todas as manhãs o ar dos meus pulmões.

2. AS MULHERES NEGRAS ESTÃO NO MESMO MAR E RIO - MAS ATRAVESSANDO EM OUTRAS EMBARCAÇÕES AS ÁGUAS TURBULENTAS DOS TEMPOS DE PANDEMIA

Sabemos que as pandemias sempre existiram e provavelmente continuarão existindo na história da humanidade, a diferença é que hoje somos as sujeitas históricas e os sujeitos históricos do momento. Contudo, também constatamos ou deveríamos constatar que elas não atingem a todas e todos da mesma forma. Leiamos o que nos informa a escritora carioca Eliana Alves Cruz, através do seu romance «*Água de Barrela*», sobre algumas pandemias do século XIX.

Em 1850, ‘a bicha’, como era chamada a febre amarela, fizera um estrago, assim como surtos anteriores de varíola e doenças várias que levavam muitos de uma vez só para debaixo da terra. O cólera era mais um mal letal que vinha assombrar as vidas empobrecidas daquela população, que já vinha sofrendo com a crise econômica da cana-de-açúcar, que estava valendo menos no mercado internacional devido à concorrência de outros mercados e a carestia que advinha disso. (...) Enquanto os engenhos tentavam salvar seu território do avanço da mortandade, nas cidades, ela, a morte já era dona até das pedras do calçamento. Para somar ao triste cenário insalubre das aglomerações urbanas e suas valas negras a céu aberto, lixo e excremento exposto em becos malcheirosos, agora vinham os cadáveres insepultos. (...) O povo, medroso do contágio pelo contato com os mortos, largava os corpos em qualquer parte: na porta das igrejas, dos cemitérios, nos becos... Os defuntos serviam assim, de pasto para cães e porcos. Um cenário dos horrores, que outras tantas doenças trazia e de nada adiantava, pois o *vibrio cholerae*, é transmitido pelo contato com os excrementos das vítimas infectadas, logo, a falta de higiene é o ambiente ideal para a proliferação da doença... Na morte todos se igualam, assim dizem, assim diziam... E no desespero para não morrer também. Pelo menos foi isto que demonstraram os poderosos do tempo do cólera. (...) Entre uma bacia e outra carregada com roupas sujas que eram trocadas inúmeras vezes, por dia, Umbelina apenas franzia a testa e olhava para Dasdô que retribuía a mirada incrédula. Doutores estiveram na casa, com beberagens e remédios. Nada. À noite,

decidiram que era hora de tomar coragem e agir ao modo delas. Foram direto falar com Anacleto... Ele, Anacleto, apesar de pouca idade, já viera de África com vastos conhecimentos. Consagrado a Obaluaiê, - o rei e senhor da Terra, conhecedor dos segredos da vida e da morte -, ele já estava aplicando seus conhecimentos medicinais na gente mais humilde e nos escravos. (Cruz 2018:51-53).

Agora, acompanhemos as informações trazidas pelo colombiano Gabriel García Márquez, em seu romance «*O Amor nos Tempos do Cólera*».

A partir do momento em que se afixou o édito do cólera, no quartel da guarnição local começou o disparo de um tiro de canhão a cada quarto de hora, de dia e de noite, de acordo com a superstição cívica de que a pólvora purificava o ambiente. O cólera se encarniçou muito mais, contra a população negra, por ser a mais numerosa e pobre, mas na realidade não teve contemplação em cores, nem linhagens. Parou de chofre como havia começado, e nunca se soube o número de suas vítimas, não porque fosse impossível estabelecê-lo, e sim porque uma de nossas virtudes corriqueira era o pudor das próprias desgraças. (...) Viu os ratos nos esgotos expostos e os meninos se revolvendo nus nas poças das ruas, não só compreendeu que a desgraça tivesse acontecido como teve a certeza de que se repetiria a qualquer momento. (...) Pouco depois, o Diário do Comércio publicou a notícia de que duas crianças tinham morrido de cólera em diferentes lugares da cidade. Comprovou-se que uma dela tinha disenteria comum, mas a outra, uma menina de cinco anos, parecia ter sido, com efeito vítima do cólera. Seus pais e três irmãos foram separados e postos de quarentena individual, e todo o bairro foi submetido a uma vigilância médica estrita. Uma das crianças contraiu o cólera e se recuperou muito depressa, e toda a família voltou para casa quando passou o perigo. (Márquez 2008:141-145).

Nas duas obras literárias citadas, temos cenários do século XIX, similares ao que estamos presenciando nessa pandemia do *novo coronavírus*. Quando, no dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou a pandemia do *novo coronavírus*, chorei e senti uma dor profunda, pois, não precisava de dados estatísticos para saber que no contexto brasileiro e das Américas em geral, seria a população negra a mais infectada e morta pelo COVID-19. Dias depois circulou na imprensa brasileira, que “[...]a primeira mulher vítima do COVID-19 morria no Brasil: era uma trabalhadora doméstica, de 63 anos, negra, hipertensa, diabética, trabalhava no Leblon e morava em Miguel Pereira, no Rio de Janeiro, se chamava Cleonice Gonçalves.” (Oxfam Brasil 2020: sítio web).

Ao ler a notícia da morte de Cleonice Gonçalves, já estava em estado de quarentena, pois, a UFPA, suspendeu as suas atividades presenciais em 19 de março de 2020. Pensei: - nesse país, faço parte de um grupo bem ínfimo de mulheres negras trabalhadoras que têm os seus direitos trabalhistas garantidos e respeitados, o que me possibilita realizar o meu

trabalho a partir da minha casa, cercada dos meus livros acadêmicos e de arte literária, com internet disponível, telefone, podendo selecionar o que como para não aumentar de peso corporal. Envolta nessas reflexões criava mais um poema:

fIrmAmEntO DaS frEstAS

fins de tarde

vão e vêm

filmados pelas frestas

da mesma janela

dela se vê

as nuvens movendo-se em branco e cinza
 traçando formas indecifráveis a olho nu
 contornos do céu bailam sobre os oceanos
 anunciando a chegada dos astros celestes
 entre as vigas de concreto
 o firmamento afirma que não é o mesmo
 apesar de sempre estar no mesmo lugar⁷...

Às vezes, pegava-me fazendo reclamações, não aguantava mais ficar em casa, sentindo-me presa no apartamento, queria viajar, ir ao cinema, encontrar amigas e amigos, tomar um vinho em espaço público e observar a Baía do Guajará. Pensava no meu corpo e nos incômodos na coluna de tanto ficar sentada em frente ao computador. Além disso, minha paciência se esgotava em aulas e reuniões virtuais. De repente, eu parava e respirava. E, no mesmo instante, minha ficha caía e lembrava/lembro: lembro das minhas irmãs negras, que não puderam e não podem trabalhar em casa, lembro das minhas irmãs negras que se deslocam todos os dias em ônibus lotados para trabalharem na casa de pessoas brancas nos

⁷ Poema “**fIrmAmEntO DaS frestas**”. Escrito em 15 de maio de 2020. Autoria: **luZgomeS**. Disponível em: <http://etnografiasdemim.blogspot.com/2020/05/firmamento-das-frestas.html> Acesso em 22/11/2020.

condomínios de luxo das grandes cidades brasileiras, expostas não só ao *novo coronavírus*, mas também ao assédio sexual e moral nos meios de transportes públicos e na casa de seus patrões; lembro de Mirtes Renata Santana da Silva, que perdeu o seu filho Miguel Octávio Santana da Silva, pois não tinha com quem deixá-lo para ir trabalhar na casa luxuosa da branca senhora Sari Gaspar Corte Real; lembro das minhas irmãs negras chefas de famílias, que perdem seus filhos e companheiros para o braço armado do Estado Brasileiro, lembro das minhas irmãs negras desempregadas e com filhos e filhas para alimentarem e poetizo mais uma vez:

a BaLa
 a bala
 rasga...
 estraçalha...
 fuzila a carne...
 perfura as veias...
 deságua sangue negro
 no morro... no asfalto... na viela...na esquina...
 sem ar... sem vida!⁸...

Apesar de nefastas lembranças relatadas, quando elas me veem à cabeça, não entro na culpa paralisante, e sim, procuro encontrar estratégias de ações transformadoras no debate público, a partir do lugar ocupado por mim na academia. Para isso, preciso não me considerar uma privilegiada, mas sim, uma mulher negra trabalhadora que teve os seus direitos trabalhistas garantidos e respeitados no contexto pandêmico. Olho e ouço com bastante receio quando são atribuídas às pessoas negras privilégios de alguma ordem, dentro de uma estrutura racista, na qual o racismo decide quem vive e quem morre. Mulheres negras de

⁸ Poema “**a BaLa.**” Escrito em 20 de maio de 2020. Autoria. **luZgomeS**. Disponível em: <http://etnografiasdemim.blogspot.com/2020/05/a-bala.html> Acesso em 22/11/2020.

classe média ou “ricas”, não deixam de serem vítimas do racismo por terem ascensão econômica, isso já é fato comprovado, pois, a discriminação racial, não é uma questão de classe. Privilégio para mim, é viver sem ter o seu corpo racializado, desfrutando da plenitude de apenas existir com a humanidade reconhecida e respeitada. Faço o seguinte questionamento: Ter um trabalho que nos possibilite viver com o mínimo de dignidade, é privilégio? Em meio a essas reflexões, reconheço minhas limitações, uma vez que essa desigualdade absurda e abjeta só poderá ter fim quando o racismo deixar de ser uma das vigas sustentadoras das desigualdades socioeconômicas no Brasil, é preciso implodi-lo. Arelado ao racismo, as mulheres negras também estão expostas ao sexismo, que é outra viga de sustentação das estruturas opressoras brasileiras. Porém, assim como o machismo não será erradicado se os homens não repensarem suas masculinidades violentas, o racismo não se findará se as pessoas brancas não se responsabilizarem por arrancá-lo das suas entranhas e mentes. Sobre essas questões interseccionadas, escrevo:

prEsA... eMPaReDaDa... EnclAUUrAdA...

estou presa... emparedada... enclausurada:
na moldura fixada em vidas passadas...
na espera do amor incondicional inexistente...
na busca por tapar lacunas profundas...
no desespero de olhar para os meus vazios...
na constante tentativa de descolonizar os meus afetos...
na dor do racismo tatuado em meu corpo...
na tristeza da espera pelo ataque...
no cansaço infinito de dizer: eu sou uma mulher!...
na expectativa da solidão no porvir...
na rigidez íntima em não admitir o errar e o falhar...
no medo secreto da loucura...
no sufocamento dos meus ódios mais verdadeiros...

estou presa... emparedada... enclausurada...⁹

Ao ler a intelectual Lélia Gonzalez, fica explícita a matriz histórica que coloca a maioria das mulheres negras brasileiras em condição de pauperização, devido a precarização dos trabalhos nos quais estão inseridas. Isso não é uma particularidade da pandemia causada pelo *novo coronavírus*. Gonzalez, articulando seus conhecimentos das ciências sociais, da história, da filosofia, da psicanálise e do seu ativismo no movimento negro, demonstra os efeitos nefastos da escravidão sobre as imagens e os corpos das mulheres negras brasileiras. Mas acredito que as reflexões de Lélia ecoam por todas essas Américas inventadas. As intelectuais negras apontam sistematicamente como esses dois marcadores sociais de diferença «mulher-negra», interseccionados nos expõem ao mais alto grau de violência. A começar pelo fato de termos de lembrar ao mundo ocidental que somos mulheres, para além de múltiplas objetificações, aqui penso ser mulher em toda pluralidade e complexidade dessa categoria.

O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e sexismo. Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular. Consequentemente, o lugar de onde falaremos põe um outro, aquele é que habitualmente nós vínhamos colocando em textos anteriores. E a mudança foi se dando a partir de certas noções que, forçando sua emergência em nosso discurso, nos levaram a retornar a questão da mulher negra numa outra perspectiva. Trata-se das noções de mulata, doméstica e mãe preta. (Gonzalez 2018:191-192).

As reflexões sobre o mito da democracia racial, a neurose cultural brasileira, a mulata, a doméstica, a mãe preta, apresentadas por Lélia Gonzalez, seguem aprisionando os corpos das mulheres negras na base da pirâmide. Nos destitui do direito de ter opções de escolhas em vários âmbitos de nossas vidas. Nos mata! As matrizes imagéticas das mulheres negras precisam ser reconstruídas, a partir de um fundamento epistêmico negro. Mas para isso, precisamos ser reconhecidas, respeitadas como sujeitas, intelectuais, agentes reflexivas e seres humanas. Precisamos olhar e amparar as nossas irmãs negras que não acessaram e

⁹ Poema “**prEsA... eMPaReDaDa... EnclAUUrAdA...**” Escrito em 15 de agosto de 2020. Autoria: **luZgomeS**. Disponível em: <http://etnografiasdemim.blogspot.com/2020/08/presa-emparedada-enclausurada.html>

nem acessam os bancos “sagrados” das universidades, mas que possuem na prática do cotidiano, as estratégias da intelectualidade do viver e com quem aprendemos a nos fortalecer e criar redes de afetos em movimento, pois são elas que sustentam esse país, com seus trabalhos subalternizados, nessa máquina de moer gente que é o sistema capitalista.

Podemos recuar ainda mais no tempo e dialogar com a escritora estadunidense Toni Morrison, quando ela diferencia o corpo escravizado e o corpo negro. Toni nos diz:

Não apenas nas origens, mas as consequências da escravidão, nem sempre são racistas. O que é ‘peculiar’ na escravidão do Novo Mundo não é a sua existência, mas sua conversão à tenacidade do racismo. A desonra associada a ter sido escravizado não condena inevitavelmente os herdeiros de alguém à vilificação, à demonização, ao suplício. O que sustenta isso é o racismo. Grande parte do que tornou excepcional a escravidão no Novo Mundo foram os traços raciais nitidamente identificáveis de sua população em que a cor da pele – antes de tudo, mas não de modo exclusivo – interferiria na habilidade de gerações subsequentes se mesclarem com a população não escravizada. Não havia chance de esconder, disfarçar, ou ofuscar o antigo status de escravizado, pois, numa visibilidade bem marcada forçava a divisão entre antigos escravizados e não escravizados (embora a história desafie essa distinção), sustentando uma hierarquia racial. A passagem, portanto, da desonra associada ao corpo escravizado para o desprezo pelo corpo negro, se deu quase de forma harmoniosa, pois os anos intermediários do Iluminismo assistiram ao casamento entre estética e ciência, bem como uma movimentação em direção a uma brancura transcendente. Nesse racismo, o corpo escravizado desaparece, mas o corpo negro permanece, transmutando-se em sinônimo de gente pobre, sinônimo de criminalidade e um ponto de inflamação nas políticas públicas. (Morrison 2020:107).

Morrison, pinta com palavras um quadro do que é esse corpo negro marcado após a escravidão na sociedade estadunidense, mas também, não é muito diferente do contexto brasileiro, e como tive a experiência de morar em Portugal por quatro anos para realizar o doutorado e conhecer outros países europeus, posso estender esse quadro à Europa.

Atualmente, moro no décimo andar de um prédio no considerado bairro “nobre” de Nazaré em Belém do Pará, com suas mangueiras seculares, onde na maior parte do tempo, a maioria das mulheres negras circulam para prestarem serviços. No meu próprio prédio, vejo muitas das minhas irmãs negras, pegando o elevador de serviço, mesmo quando foi decretado o *lockdown* no Pará em 2020. Da minha janela que tem uma vista bonita e ampla da cidade, observo a fila diária que se forma no órgão do estado que cadastra pessoas desempregadas à procura de uma vaga de emprego. A maioria dos corpos que compõe a gigantesca fila é de mulheres parecidas comigo e de homens parecidos com o meu pai, o aposentado Lucio

Ferreira. Como já mencionei anteriormente, acordo às 05h40 da manhã para caminhar as segundas, quartas e sextas-feiras em volta do Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), em uma das ruas pela qual caminho, há uma caixa econômica federal e mais uma vez, vejo as longas filas se formando, composta majoritariamente por mulheres negras, muitas delas acompanhadas por crianças de colo, ou na faixa etária de até seis anos. Nesses momentos, ao me deparar com a perversidade e crueldade das desigualdades socioeconômicas, ancoradas no racismo à brasileira, aconchego-me nas letras de poesia:

brOtAr PoeMaS

queria escrever diários de quarentena
 mas só sei brotar poemas
 estou germinada de prosa e poesia
 amantes companheiras na solitude da cama
 diariamente recosto no travesseiro
 [e]
 leio... leio... leio...
 vestida de camisolas florais
 esqueço o dia e a noite
 sigo as estações das palavras
 encontro refúgio
 nas letras de outras gentes acolhedoras
 dos meus medos...anseios... desejos...
 o que tenho para dizer
 da minha reclusão forçada-necessária
 são desimportâncias fúteis
 a minha casa de vaidade em Leão
 abriu a porta para a transformação de Aquário
 sozinha... discreta... quieta...
 tento desapegar das minhas vaidades mundanas
 em equilíbrio de calma

para que meus pulmões respirem
 e contra ataque o vírus invisível
 procurei uma medicação poética da escuta de mim
 nas leituras de tantos outros SI
 talvez, quando a acabar a quarentena
 escreva um diário amarelo
 só de poemas...¹⁰

Mesmo quando foi decretado o *lockdown* no Pará em 2020 e em 2021, não deixei de fazer as minhas compras no supermercado. Todas as semanas lá estava eu, desafiando o *novo coronavírus* na rede Nazaré. Observava as caixas, as limpadoras, as cozinheiras do restaurante, as empacotadoras, em sua maioria, mulheres negras como eu, e ao avistar as minhas irmãs trabalhadoras, pensava que não havia nada de contestador ou transgressor no meu ato de não usar o serviço de *delivery* oferecido pelo supermercado, pois eu tinha opção de escolha. Aquelas minhas irmãs negras, que estavam ali correndo riscos todos os dias para prestarem serviços a pessoas como eu, não tinham essa possibilidade. É o que nos lembra Vitória, personagem do livro «*Nada Digo de Ti, Que em Ti Não Veja*», de Eliana Alves Cruz. Vitória fala:

- Num sinto, nenhuma pena de ti. Nenhuma! Sabe o motivo, inhô Antônio? Porque vosmicê tem o maió de todos os tesouro desse mundo inteiro. Uma riqueza que nem chega perto desse saco que me trouxeste. Antônio olhou-a sem entender. Tens u'a coisa chamada... escolha. (Cruz 2020:177).

Voltava para casa lembrando que os trabalhos daquelas minhas irmãs negras, não ilustravam as manchetes dos grandes jornais paraenses, com o mesmo destaque, peso, respeito e dignidade que os trabalhos dos médicos e das médicas tinham. Não se batiam palmas para elas das sacadas dos nossos apartamentos. A intelectual e feminista francesa Françoise Vergès, no prefácio do seu livro «*Um Feminismo Decolonial*», fala o seguinte:

Classe, gênero, idade, racialização, problemas de saúde, problemas de babás para as crianças, preocupações com o próximo perpassam os dois grupos, mas as

¹⁰ Poema “**brOtAr PoeMaS**”. Escrito em 05 de maio de 2020. Autoria: **luZgomeS**. Disponível em: <http://etnografiasdemim.blogspot.com/2020/05/brotar-poemas.html> Acesso em 22/11/2020.

peças não confinadas são mais expostas ao estresse, à inquietude, ao cansaço e à contaminação. (...) o racismo e o sexismo organizam a vida social há anos. O confinamento é uma política de ricos. Ele é apenas um exemplo, entre tantos outros, de uma organização do mundo fundada sobre a exploração e a fabricação de vidas supérfluas. Bilhões de mulheres se ocupam incansavelmente da tarefa de limpar o mundo. Sem o trabalho delas, milhões de empregados, de agentes do capital, do Estado, do Exército, das instituições culturais, artísticas e científicas não poderiam ocupar os seus escritórios, comer em refeitórios, realizar reuniões, tomar decisões em espaços asseados onde lixeiras, mesas, cadeiras, poltronas, pisos, banheiros, restaurantes foram limpos e postos à sua disposição. Esse trabalho indispensável ao funcionamento de qualquer sociedade deve permanecer invisível. Não devemos nos dar conta de que o mundo onde circulamos foi limpo por mulheres racializadas e superexploradas. (Vergès 2020:21-24).

Ao circular pelo meu bairro, lembro dessas palavras de Françoise Vergès. Nos contextos da França e do Brasil, os corpos racializados, são os que sistematicamente têm as piores condições de trabalhos. As mulheres negras brasileiras na sua maioria, continuam atuando em empregos que não lhes ofertam *status* social, nem direitos trabalhistas garantidos e as tornam em seres invisíveis. Ou seja, elas/nós quase sempre continuam executando trabalhos braçais, brutalizadores dos seus corpos. Dialogando com a socióloga e feminista negra estadunidense, Patricia Hill Collins, apresento outra reflexão sobre pauperização e mulheres negras:

Por exemplo, nem todas as mulheres negras são pobres, mas as mulheres negras como coletividade continuam desproporcionalmente pobres em relação a outros grupos. Por outro lado, as diferenças entre nós, mulheres negras, que refletem nossas histórias diversas, sugerem que as experiências com a pobreza são muito mais complexas do que se imagina atualmente. As afro-americanas podem ser desproporcionalmente pobres, mas a pobreza das mulheres negras nos Estados Unidos se organiza de maneira diferente daquela que as afrodescendentes enfrentam transnacionalmente. Apesar das semelhanças, as mulheres negras da África, do Caribe, da América do Sul, do Canadá e de outros lugares experimentam essas preocupações de maneiras diferentes e, conseqüentemente, se organizam em resposta a elas de maneiras diferentes. (Collins 2019:375).

Collins nos chama atenção para algo que é muito caro para a população negra no geral, e para as mulheres negras em específico: a perversa mania racista de nos transformarem numa massa homogênea. Nesse texto fiz questão de pontuar mais de uma vez: dentro desse contexto pandêmico, o meu *locus* de enunciação é de uma mulher negra professora universitária, não exposta às várias violências, diferente da maioria das minhas irmãs negras nesta pandemia do *novo coronavírus*. Porém, isso não significa que eu não sofra racismo,

sexismo e outras violências, e explicitarei alguns “episódios de racismo cotidiano”¹¹ vivenciados por mim: **a)** durante um voo de Salvador - BA para Belém-PA, quando fui despachar a minha mala, a funcionária que atendeu-me, “desconfiou” da veracidade do meu Registro Geral (RG) e acusou-me de portar um documento falso e chamou a polícia. Fui para a sala da polícia federal, onde foi comprovada que a minha carteira de identidade era verdadeira, após todo o constrangimento e raiva, tive de retornar para finalizar o *check-in*, enfrentar os olhares acusatórios das pessoas na fila e ouvir um pedido de desculpas; **b)** nunca sou reconhecida como a dona da minha casa por prestadoras e prestadores de serviços, sempre esperam que a Dona Luzia Gomes seja outra pessoa, provavelmente com tez branca; **c)** não escapo a “ação clássica” dos seguranças de *shoppings*, sou constantemente seguida por eles nesses espaços, tanto no Brasil, quanto em outros países; **d)** quase sempre sou “confundida” com aluna, quando vou a determinados setores da UFPA, resolver questões administrativas.

Apesar de ser doutora, poeta, docente efetiva da UFPA há doze anos, os meus títulos acadêmicos não estão tatuados na minha testa, sou uma mulher negra, minha paisagem corporal é a primeira voz enunciada, antes das minhas palavras oralizadas e escritas. Aos olhos de muitas pessoas brancas, sou lida pelas lentes coloniais e a depender do contexto, as brancas pessoas, já possuem um imaginário pronto sobre mim, geralmente baseado em estereótipos racistas, sexistas e classistas. Seguindo as princípios da subversão, insubmissão e transgressão: paro, respiro, sento e escrevo poesia:

pArtÍcUIA dE PoeiRa
 passei dias sentindo-me
 mais insignificante
 que a partícula invisível da poeira
 percorri as estradas de pedregulhos das minhas emoções distorcidas
 flutuei sem sustentáculos na estrutura do meu ódio

¹¹ Esse é um termo da artista visual e escritora portuguesa, Grada Kilomba, inclusive, é o subtítulo do seu livro, *Memórias de Plantação* (Kilomba 2019).

a raiva sangrou no desespero da decepção
 fantasmas coloniais reapareceram
 no receituário escrito com letras de racismo
 fiquei por horas enjaulada na discriminação letrada
 grandemente... a partícula invisível da poeira adentrou aos meus olhos
 fazendo-me perceber o seu agigantamento de revolta
 no meio do nada...¹²

Pensar sobre a situação emocional e econômica das mulheres brasileiras na pandemia do *novo coronavírus*, convoca-nos a compreender que a maioria das mulheres negras e brancas não foram/são atingidas da mesma forma. Podemos estar atravessando pelo mesmo mar, mas nem sempre, na mesma embarcação. Enquanto algumas atravessam mares turbulentos em cruzeiro transatlântico, iate, lancha particular; outras vão de barco à vela, barco inflável superlotado, canoa, rabeta, e existem as que fazem a travessia nadando e muitas vezes não alcançam o continente e seus corpos ficam depositados nas reservas das águas doces e salgadas de dor, desencanto e desamor.

3. CONSIDERAÇÕES (SEM)FINAIS COM REFLEXÕES EM PROCESSO...

É difícil fazer algum tipo de consideração precisa sobre a atual conjuntura da crise sanitária e política pelas quais estamos passando. Segundo o Ministério da Saúde, **574.209 pessoas morreram vitimadas pela COVID-19**¹³, até o presente momento, entre elas, está a minha mãe, Raquel de Jesus Gomes Ferreira, falecida em 17 de março de 2021. É importante refletir que cada número desse é uma vida ceifada e, provavelmente, a maioria são de corpos negros tombando pela pistola viral. O *novo coronavírus* transformou-se em uma arma de Estado para mais uma vez destituir os corpos considerados indesejáveis e descartáveis do

¹² Poema “**pArtÍcUIA dE PoeiRa**”. Escrito em 22 de novembro de 2020. Autoria: **luZgomeS**. Disponível em <http://etnografiasdemim.blogspot.com/2020/11/particula-de-poeira.html> Acesso em 22/11/2020.

¹³ Números apresentados na página web do Ministério da Saúde. **Grifou-se**. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/> Acesso em 22/08/2021.

direito de viver e existir em plenitude. Como museóloga e professora de Museologia, às vezes pergunto-me como os nossos museus contarão esse episódio traumático da história brasileira e mundial? Quais fragmentos das memórias desse momento estarão expostas nos salões expositivos? Acima de tudo, quais serão os corpos que terão as suas memórias selecionadas para serem lembradas?

Pensar a condição das mulheres negras neste contexto pandêmico, significa não esquecer que as inumeráveis jornadas de trabalho realizadas por elas/nós, não é um fenômeno desconhecido das nossas existências cotidianas. A violência doméstica, a violência policial, a violência no sistema de saúde, a violência epistêmica na academia incidentes sobre os nossos corpos negros, não são um recorte, nem uma exceção da pandemia do *novo coronavírus*: **É A REGRA!**

Os impactos da pandemia do *novo coronavírus* na vida das mulheres negras devem ser analisados numa perspectiva histórica, convocando a interseccionalidade como metodologia analítica, com o aporte das ciências sociais e com a escuta dos movimentos de mulheres negras, que há tempos denunciam a superexploração das nossas mentes, corpos e emoções. As ciências e os museus devem contribuir para que essas memórias não se percam como fagulhas de poeira no vento. É preciso acreditarmos que num futuro bem próximo conseguiremos abalar as estruturas da pirâmide encarceradoras de nossas matérias em pauperizações de todas as ordens.

Por fim, convoco a poesia para nos ofertar o esperar na luta por um bem-viver. Lembro todos os dias que, mesmo dentro desse sistema violento, nós, mulheres negras, seguimos afirmando que não desistiremos de celebrar as belezas plurais de nossas vidas. De cabeça erguida e com mais uma poesia, deixo em aberto para novas afro-reflexões: **VIDAS NEGRAS IMPORTAM! VIDAS DE MULHERES NEGRAS IMPORTAM!**

nÃO DeSiSTiReMoS

Não desistiremos de reivindicar a nossa humanidade...

Não desistiremos de celebrar as nossas existências plurais...

Não desistiremos de sorrir, mesmo sabendo das dores do mundo...

Não desistiremos de almejar um bem-viver...
 Não desistiremos de encantar as nossas emoções...
 Não desistiremos de cultivar o amor em nossas entranhas...
 Não desistiremos da raiva transformadora...
 Não desistiremos de sonhar acordadas
 Não desistiremos de poetizar a vida...
 Não desistiremos de NÓS!...¹⁴

Referências

- Collins, P. H. 2019. *Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. 1ª ed. São Paulo: BOITEMPO.
- Cruz, E. A. 2020. *Nada digo de ti, que em ti não veja*. Rio de Janeiro: PALLAS.
- _____. 2018, *Água de Barrela*. Rio de Janeiro. Editora Malê.
- hooks, b. 2019 *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante.
- _____. 2019. O Olhar Opositor: mulheres negras espectadoras. In: *Olhares Negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 214-240.
- Márquez, G. G. 2008. *O amor nos tempos do cólera*. Tradução de Antônio Calado. 34ª Ed. Rio de Janeiro. Record.
- Martins, L. 2003. Performances da Oralitura: Corpo, Lugar da Memória. In: *Revista letras do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (PPGL/UFMS)*. 63-81.
- Gonzalez, L. 2018. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. In: *Primavera para as Rosas Negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa...* Coletânea Organizada e editada pela União dos Coletivos Pan-Africanistas (UCPA).
- Morrison, T. 2020. O corpo negro e o corpo escravizado. In: *A Fonte da Autoestima: Ensaios, discursos e reflexões*. Tradução: Odorico Leal. 1ª ed. São Paulo. Companhia das Letras.
- _____. 2019. *A origem dos outros: Seis ensaios sobre racismo e literatura*. Tradução Fernanda Abreu; prefácio Ta-Nehisi Coates. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2019.
- Oxfam Brasil. *Mulheres negras e pandemia: reflexões sobre raça e gênero*. Reportagem Publicada em 08 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/blog/mulheres-negras-e-pandemia/> Acessado em 22/11/2020.
- Vergès, F. 2020. *Um Feminismo Decolonial*. Tradução: Jamille Pinheiro Dias & Raquel Camargo. São Paulo: UBU Editora.

¹⁴ Poema “nÃO DeSiSTiReMoS”. Escrito em 22 de novembro de 2020. Autoria: **luZgomeS**. Disponível em: <http://etnografiasdemim.blogspot.com/2020/11/nao-desistiremos.html> Acesso em 22/11/2020.